



INTEGRACION,  
EXTENSION,  
DOCENCIA  
E INVESTIGACION  
PARA LA  
INCLUSION  
Y COHESION  
SOCIAL

22 AL 25  
NOVIEMBRE  
DE 2011  
SANTA FE  
ARGENTINA



## I ENCUENTRO DE MUSEOS UNIVERSITARIOS DE IBEROAMERICA

## II ENCUENTRO DE MUSEOS UNIVERSITARIOS DEL MERCOSUR

23, 24 y 25 de noviembre de 2011

**TITULO: MUSEU D.JOÃO VI - MEMÓRIA E LUGAR DO ENSINO ARTISTICO**

**EJE:**

**AUTORES: CARLA DIAS**

**Bolsistas IC: Nathalie Barcellos e Julia Gomes (PIBIC)**

**REFERENCIA INSTITUCIONAL: MUSEU D.JOAO VI / EBA / UFRJ**

**CONTACTOS: carlacostadias@gmail.com**

### **RESUMEN**

O Museu Dom João VI da Escola de Belas Artes/UFRJ tem sua história iniciada no século XIX. As coleções da antiga Academia Imperial, depois Escola Nacional de Belas Artes e hoje EBA/UFRJ, foram formadas por obras de professores e alunos, provenientes de concursos para prêmios de viagem ou para vagas de professor, cópias realizadas nos museus europeus e todo o material didático das diversas disciplinas. Esse acervo extraordinário, acumulado desde a criação da Academia em 1816, foi desmembrado em 1937. A maior parte ficou no MNBA e a outra parte, voltada ao ensino e, portanto, mais didática, foi distribuída entre as salas e os ateliês da Escola Nacional de Belas Artes (ENBA). As duas instituições, no entanto, ocupavam o mesmo prédio: o MNBA na parte da frente, voltada para a avenida Rio Branco, e a ENBA a sua parte posterior, na esquina das ruas Araújo Porto-Alegre e México.: grande parte dele deu origem ao Museu Nacional de Belas Artes, continuando na Escola, de modo geral, o acervo mais ligado ao ensino e o arquivo documental. Em 1979, o director da Escola, Almir Paredes, reuniu esse acervo, disperso pelas salas de aula, criando o Museu D. João VI, que funcionou até 2008 no segundo andar do Prédio da Reitoria da UFRJ, na Ilha do Fundão, junto à própria Escola, que ocupa vários andares (primeiro, segundo, sexto e sétimo) do prédio. A criação do



INTEGRACION,  
EXTENSION,  
DOCENCIA  
E INVESTIGACION  
PARA LA  
INCLUSION  
Y COHESION  
SOCIAL

22 AL 25  
NOVIEMBRE  
DE 2011  
SANTA FE  
ARGENTINA



Museu teve como finalidade primordial a preservação e divulgação do acervo artístico e documental da Escola de Belas Artes, contribuindo dessa maneira para o estudo da memória do ensino artístico no Brasil.

## DESARROLLO

Um dos principais papéis desempenhados pelo museu de arte é o de determinar o que é e o que não é arte e regulamentar os códigos criados para sua leitura através de um discurso, o qual Howard Becker (1982), em sua análise sobre os mundos artísticos, denomina de *rationale*. O conceito de arte necessita de instrumentos de institucionalização que são criados pela alta cultura através dos museus e seus especialistas, críticos e historiadores. A classificação de arte que é dada a alguns objetos é, desse modo, fruto de instrumentos culturais, e a idéia de que a arte transcende o tempo, o espaço e as culturas é também um conceito cultural.

O acervo do Museu D. João VI é constituído basicamente de duas coleções: a primeira compõe-se de obras relativas à Academia Imperial de Belas Artes, depois Escola de Belas Artes. Além de obras dos seus primeiros mestres como Grandjean de Montigny (vários desenhos arquitetônicos) e Marc Ferrez (alguns bustos), possuímos trabalhos provenientes de Concursos para Cátedra, como o realizado em 1865 para a Cadeira de Pintura de Paisagem, em que concorreram Pedro Américo e Jules Le Chevreil, trabalhos decorrentes dos Concursos ao Prêmio de Viagem, como “Moisés Recebendo as Tábuas da Lei” de Zeferino da Costa de 1868 e “Sacrifício de Abel” de Rodolfo Amoêdo de 1878, ao lado de uma série de envios – cópias dos primeiros mestres da pintura européia feitas pelos artistas pensionistas, entre estes envios destacam-se os de Eliseu Visconti, além de vários desenhos, pinturas e esculturas realizados por alunos e professores da Escola, como Lucílio e Georgina de Albuquerque, Marques Junior, Portinari, entre outros. Nesta coleção inclui-se ainda a parte de medalhística, representada pelo acervo do grande gravador e professor Augusto Girardet, acrescida da recente doação das obras do Prof. Leopoldo Campos e a coleção de aquarelas de José Reis de Carvalho; uma sanguínea de Portinari, entre outros.

O acervo é, portanto, formado pelas peças usadas em sala de aula como exemplo para os alunos, muitas delas de caráter científico, como desenhos de anatomia, modelos tridimensionais de partes do corpo e de elementos arquitetônicos, fotografias de modelos



INTEGRACION,  
EXTENSION,  
DOCENCIA  
E INVESTIGACION  
PARA LA  
INCLUSION  
Y COHESION  
SOCIAL

22 AL 25  
NOVIEMBRE  
DE 2011  
SANTA FE  
ARGENTINA



vivos e outros objetos didáticos, cópias de obras clássicas em gravura e desenho, e reproduções em gesso.

Este conjunto de peças é importante pois ilustra todo o processo de ensino acadêmico no Brasil ao longo de mais de cem anos da história das artes no Brasil, e é em especial significativo quando lembramos que a Academia foi por um bom tempo a única instituição superior de ensino artístico no Brasil, e em sua longa e frutífera trajetória foi uma influência decisiva para o desenvolvimento de todas as artes brasileiras, posição que só começou a perder com o surgimento de outros estabelecimentos de ensino superior de arte pelo país a partir das primeiras décadas do século XX.

O Museu abriga ainda uma rica biblioteca com obras raras, um arquivo documental que registra toda a história administrativa da instituição, com livros de matrícula, atas e correspondência, fontes primárias indispensáveis para o desenvolvimento de estudos e projetos de pesquisa em arte, quer no campo teórico quer no aplicado. Estes acervos são o resultado do patrimônio acadêmico produzido pela Escola no período compreendido, principalmente, entre 1820 e 1920. O acervo de obras do Museu da Escola de Belas Artes D. João VI tem uma importância singular, seja para o estudo e o entendimento da história da formação artística no país, seja para a construção de uma história da arte brasileira.

Finalmente, possui o Museu D. João VI um acervo de documentos da Academia Imperial de Belas Artes, depois Escola de Belas Artes, de inestimável valor para o estudo da arte brasileira nos séculos XIX e XX. O Museu D. João VI possui aproximadamente 3.653 peças museológicas e 6.221 documentos.

Trata-se de acervo de enorme importância para a memória da produção artística brasileira nos séculos XIX e XX, uma vez que esta instituição foi responsável não apenas pela formação dos artistas, mas também pelo funcionamento do sistema das artes visuais, organizando exposições, salões e prêmios de viagem.

Os museus são, pois, espaços privilegiados para a investigação da produção de significados, no âmbito formador de um discurso, sobre os signos da identidade cultural, a um tempo mercadorias e suportes de significação. Eles podem dessa forma ser percebidos como centros de fabricação da memória social, de modo que o exibido em um museu deriva de uma fabricação ideológica na qual os objetos museológicos representam iconicamente, com sua materialidade, uma seleção da memória social. Este tipo de museu é um exemplo vivo do que Hobsbawm (1984) chamou de "invenção das tradições".



INTEGRACION,  
EXTENSION,  
DOCENCIA  
E INVESTIGACION  
PARA LA  
INCLUSION  
Y COHESION  
SOCIAL

22 AL 25  
NOVIEMBRE  
DE 2011  
SANTA FE  
ARGENTINA



As coleções foram itens privilegiados no processo de invenção de tradições culturais na modernidade. Através dos objetos, elaboram-se discursos que visam criar vínculos entre presente e passado, este às vezes remoto, legitimando práticas.

Este trabalho visa examinar o significado social do processo de constituição, da coleção do Museu D João VI, da Escola de Belas Artes / UFRJ, percebendo este conjunto, como um fenômeno social composto de múltiplas práticas sociais. Pretendemos localizar nossa pesquisa no Setor Arquivístico dessa instituição museológica, com o intuito de conhecer seus arranjos e buscar nos registros documentais as informações históricas que fornecem significado aos objetos do acervo museológico. Pretendemos contribuir com os dados catalográficos já existentes acrescentando as informações que dizem respeito ao significado social do acúmulo e guarda deste acervo. Elaborar um discurso a partir da produção social de acumulação e guarda destes artefatos é também uma forma de legitimá-lo, de perpetuar também os atores sociais do campo.

Um museu, para existir, reproduz-se por diversos processos, inclusive por suas práticas de entesouramento. Abrir gavetas, armários, arquivos, pastas, livros, caixas, envelopes, fichários. Tomo aqui as questões apontadas por Clifford Geertz sobre o entendimento do que seja uma dada ciência avaliando sua prática, nesse caso, a prática da Antropologia é a etnografia, que não é simplesmente um método que compete ao estabelecimento de relações, seleção de informantes, transcrição de textos, levantamento de genealogias, mapeamento de campo, manutenção de um diário, e assim por diante, estas são apenas técnicas e processos determinados, o que realmente define a etnografia é o tipo de esforço representado: um risco elaborado para uma “descrição densa” (Ryle apud Geertz, p. 15).

### **- Inventariando o Arquivo**

O Museu, mais do que representar um local de exposição de obras de arte, é, através do seu acervo arquivístico, um grande agente de preservação da memória da vida acadêmico-artística brasileira desde o século XIX.

Nesse sentido, numa tentativa de organização, realizamos a primeira etapa do projeto, ou seja, o levantamento documental, nos quais as pastas foram abertas, lidas e resumidas, essa fase revelou a peculiaridade deste arquivo. Mais do que simplesmente abranger documentos relativamente recentes e relacionados mais diretamente ao funcionamento do Museu (como pensávamos anteriormente), este vasto arquivo mostrou-se variado, contendo

inclusive documentos bastante antigos, anteriores à criação do Museu no fim da década de 70. Ainda que originalmente já se tenha dividido os arquivos entre histórico e recente, percebe-se claramente que inúmeros documentos importantes ainda estavam sem cuidados especiais nos arquivos ditos correntes.

A partir daí, antes de qualquer tentativa organizacional, sentiu-se a necessidade de se traçar uma linha limite entre o arquivo histórico e o arquivo recente, de modo a dar



continuidade ao trabalho já realizado durante o Projeto Petrobras (a partir de julho de 2005) no qual boa parte dos documentos de valor histórico para a Escola de Belas Artes – abrangendo desde a criação da Academia Imperial de Belas Artes à década de 60, quando a Escola Nacional de Belas Artes passa a fazer parte da UFRJ – foi digitalizada e já disponibilizada para pesquisa. Assim, com o auxílio da orientadora do projeto, foi proposta uma

separação a partir do ano de 1979, data de criação do Museu D. João VI. Por fim, uma breve classificação cronológica e temática (incluindo, “alunos”, “pessoal” e “orçamentos”) foi realizada apenas entre aqueles documentos anteriores ao Museu e, estes foram, portanto, enviados ao arquivo histórico não-inventariado, onde serão, ainda dentro do projeto, organizados por uma nova arquivista.

Cabe lembrar, contudo, que não constam nos arquivos (tanto corrente quanto histórico) do Museu Dom João VI, documentos relacionados à Escola Belas Artes. Embora tentativas de recuperação já tenham sido realizadas, como aconteceu em 1999 durante a gestão do Museu por uma comissão temporária de professores, grande parte deles ainda se encontram no poder da direção da Escola de Belas Artes e devem ser entregues também durante o projeto.

Em seguida, concluída a separação, tornou-se essencial escolher novos critérios de organização a serem utilizados nos documentos restantes. Proposto pela arquivista integrante da equipe, o Código de Classificação para Administração Pública do Arquivo Nacional, (disponível gratuitamente para consulta através do site: [http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/media/publicacoes/cdigo\\_de\\_classificacao.pdf](http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/media/publicacoes/cdigo_de_classificacao.pdf)) pareceu se encaixar perfeitamente às necessidades do arquivo em manutenção, mas com uma pequena ressalva: a classificação museológica. Com o levantamento documental



INTEGRACION,  
EXTENSION,  
DOCENCIA  
E INVESTIGACION  
PARA LA  
INCLUSION  
Y COHESION  
SOCIAL

22 AL 25  
NOVIEMBRE  
DE 2011  
SANTA FE  
ARGENTINA



anteriormente realizado, percebeu-se o grande volume de documentos relacionados ao acervo de obras de arte e outras peças do Museu Dom João VI. Assim, foi imprescindível que o código 064 fosse expandido e passasse, pois, a abranger documentos que tratavam, por exemplo, de doações, necessidade de restauro e seguro de obras.

Identificados os códigos, a organização propriamente dita pôde ser enfim concretizada. Documentos com classificação semelhante foram reunidos em pastas suspensas separadas e etiquetadas, que, por último foram re-arrumadas nos arquivos de ferro originais também seguindo a ordem das classes do código de classificação do Arquivo Nacional.

O projeto prossegue, a partir desse ponto, seguindo duas direções diferentes, mas complementares. Com a riqueza de documentos revelados durante a organização do arquivo corrente, começa a ser realizada uma pesquisa – seguindo um viés antropológico – na parte já classificada, buscando, desse modo, reconstruir a história e a importância do Museu Dom João VI para a comunidade acadêmica em geral. Além disso, tendo em vista a grande quantidade de documentos enviados ao arquivo histórico não-inventariado, uma organização, nos moldes das realizadas anteriormente em outros projetos, também será empreendida, de modo a disponibilizar, o mais breve possível, inúmeros documentos de valor histórico para pesquisas sobre a Escola de Belas Artes da UFRJ.

### **- Em Arquivo no Museu**

O arquivo se dá aqui como um fragmento do passado que possibilita o confronto, a interrogação, a interpretação, associação com os fatos ocorridos, com outros arquivos e perante a outras falas. São indícios, fontes, peças de um quebra-cabeça que não tem uma imagem pronta a ser encaixada, porém está sempre aí a espera de novos encaixes e remodelações. Como coloca Olivia Cunha: *“Os arquivos tornaram-se então territórios onde a história não é buscada, mas contestada, uma vez que constituem um loci nos quais outras historicidades são suprimidas”* (Cunha p. 292)

A etnografia realizada junto aos documentos textuais e materiais pode ser endossada pela possibilidade de vivenciar o campo na atualidade, permitindo fazer certas analogias que levam a uma compreensão da dinâmica institucional, vista pelos documentos e dos bastidores (Dias, 2005). É possível uma etnografia dos arquivos, a interlocução com o documento é autorizada compreendendo que a “constituição, alimentação e manutenção



INTEGRACION,  
EXTENSION,  
DOCENCIA  
E INVESTIGACION  
PARA LA  
INCLUSION  
Y COHESION  
SOCIAL

22 AL 25  
NOVIEMBRE  
DE 2011  
SANTA FE  
ARGENTINA



dos próprios arquivos [é] realizada por pessoas, grupos sociais e instituições” (Cunha p. 293).

Da mesma forma que a nossa história se inicia antes do nosso nascimento o mesmo ocorre com o Museu D. João IV. Existe antes da institucionalização deste Museu uma genealogia que esta pesquisa objetiva traçar. Esta história está atrelada inseparavelmente com a Escola de Belas Artes, seja na constituição de seu acervo como nos atores sociais fomentadores deste acontecimento, o Museu D. João VI.

No artigo “O Museu da Escola de Belas Artes- D. João IV” realizado pelo professor Almir Paredes Cunha nos Arquivos da Escola de Belas Artes – publicação 15 desta instituição, temos um panorama do surgimento do Museu, que já indica as suas origens, com acervo que já era presente antes da criação do Museu D. João IV, desde a Academia Imperial de Belas Artes, em que existia um museu que servia de apoio ao ensino da arte e foi acrescido com a coleção particular de Joachim Lebreton, e continuada incorporação de peças produzidas pela escola e por doações.

Em 1937 há a criação do Museu Nacional de Belas Artes, e ocorre a eleição e divisão deste acervo com a Escola. Um ponto importante que este projeto se dedica entender é o que foi relegado a Escola, sendo esse o primeiro núcleo de acervo do que bem mais tarde viria a ser o Museu D. João IV. É importante entender o critério de permanência destas obras com a Escola. (Será uma eleição de hierarquia vertical do Estado para com a Escola, sem que houvesse um diálogo? Será que houve uma forma de negociação? Como se deu a escolha deste acervo, que critérios permearam essa negociação?).

Dado do ponto de vista mais objetivo houve uma eleição do que era de reconhecimento e importância artística em nível Nacional, e isso implica nos valores de notoriedade de afirmação do que é importante enquanto patrimônio. O acervo da escola continuou a ser acrescido com doações (a exemplo a Coleção Ferreira da Neves “constituindo um pequeno Museu” na fala do Professor Almir) juntamente com os trabalhos realizados dentro da Academia. Servindo ao ensino da arte, estas obras se encontravam distribuídas pela escola que na época dividia o espaço com o MNBA.

A mudança da Escola de Belas Artes para a Cidade Universitária na Ilha do Fundão em 1975 no prédio da Reitoria no qual a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo já estava instalada desde a separação da Escola, durante o mandato de Tales Memória que logo em



INTEGRACION,  
EXTENSION,  
DOCENCIA  
E INVESTIGACION  
PARA LA  
INCLUSION  
Y COHESION  
SOCIAL

22 AL 25  
NOVIEMBRE  
DE 2011  
SANTA FE  
ARGENTINA



seguida deixava a direção da escola, assumindo interinamente a professora Celita Vaccani, foi o motor para a criação do Museu D. João IV.

Devido a todo o processo delicado de mudança, o acervo pertencente a escola ficara mal acomodado e propenso a risco de degradação e aos furtos, tendo seu agente de criação o diretor eleito em 1976 Almir Paredes Cunha de formação em Museologia, segundo as palavras do professor “a fim de materializar a idéia de um museu didático” e caráter emergencial de proteção do acervo dos riscos mencionados.

O Diretor Almir Paredes Cunha solicitou o espaço na qual seria instalada a biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, ainda sem uso, para abrigar o Museu, contando segundo a descrição do mesmo “com a ajuda preciosa de dois colaboradores incansáveis: a Professora Ecylla Castanheira Brandão e o Professor Almir de Gouvêa Gadelha auxiliado pelo Professor Salvador Galuzzi. Professora Ecylla ficando a cargo da primeira organização museográfica e os dois últimos a cargo do projeto do mobiliário do Museu. Em 23 de agosto de 1979 o Museu D. João IV era inaugurado.

Em referência a essa tomada de posição temos a fala da Professora Angela Ancora da Luz no artigo “Escola de Belas Artes – uma história de arte” também na mesma publicação dos Arquivos da Escola, formulando um visão geral da história da Escola de Belas Artes, dos diretores e das principais mudanças ocorridas.

*“[Almir Paredes Cunha] com tenacidade, vontade, alimentado por um idealismo constate e disposição para trabalhar, adaptou a Escola a seu novo ‘habitat’. Ampliou os espaços, conseguindo uma parte do térreo, onde instalou os ateliers de Gravura, Escultura e Plástica. Criou o Museu D. João IV com a ajuda da Prof. Ecylla Castanheira Brandão, para guardar o que ainda tínhamos de acervo e, assim, recomeçar a reconstruir o novo” (Angela Ancora da Luz)*

Outros Professores colaboraram neste primeiro momento, como Gracy Naylor Gonçalves auxiliada por seus alunos, junto a limpeza e restauração das obras, o professor Joceyl da Silva Vargas a cargo da recuperação da coleção Girardet e Sonia Maria Pereira Aroeira na expográfica da primeira exposição auxiliando a professora Ecylla. Até mesmo a escolha do nome do museu partiu de um Professor, Armando Sócrates Schoonor homenageou o



INTEGRACION,  
EXTENSION,  
DOCENCIA  
E INVESTIGACION  
PARA LA  
INCLUSION  
Y COHESION  
SOCIAL

22 AL 25  
NOVIEMBRE  
DE 2011  
SANTA FE  
ARGENTINA



Homem que decretou a criação da Escola real das Ciências, Artes e Ofícios, embrião do que viria a ser a Academia Imperial de Belas Artes, sendo aprovada pela Congregação. Logo após a criação do Museu em 3 de setembro do mesmo ano (1979) a Professora Celita Vaccani fez a doação ao museu da cabeça de Monteonovesi, obra de Bernardelli e teve voto de louvor da Congregação.

É importante destacar na fala tanto do professor Almir Paredes como da professora Angela Ancora da Luz, o destaque especial dado a figura de Alfredo Galvão, professor na época já aposentado por força da lei e professor emérito da casa:

*“A existência do acervo atual teria sido impossível não fossem o carinho e zelo do professor Alfredo Galvão que, durante toda a sua vida na Escola, procurou obstinadamente conservá-lo” (Almir)*

*“[Alfredo Galvão] era um apaixonado pela escola. Conheci-a por dentro e por fora. Como artista, professor e pesquisador. Enquanto viveu, foi a memória da escola. O grande consultor que, segundo ele próprio dizia, “gostava de contar histórias antigas” (Angela Ancora da Luz).*

Se por um lado Almir Paredes Cunha e Ecylla Castanheira Brandão são os agentes de criação do Museu D. João IV, formentadores desse acontecimento, Alfredo Galvão tornou o terreno fértil, propício a criação de uma instituição que salvaguarda a memória da Escola de Belas Artes, e sendo assim, não só a memória nacional do ensino artístico, mas também a memória de alunos e professores que imprimiram a sua marca dentro da Escola, nas inter-relações dadas nesse espaço, laços de afeto, histórias particulares deste microuniverso.

Alfredo Galvão foi um visionário e patrimonialista, alimentado pelos próprios laços afetivos criados com a Escola, sabia que uma herança simbólica tanto da Academia quanto do Império não podia ser simplesmente renegada de maneira tão arbitrária. O Professor fez um estudo nos arquivos da Escola, listando os pedidos realizados pelas Províncias à Academia de retratos de D. Pedro II, e se questiona “Onde estarão hoje tantos retratos de D. Pedro II? Muitos terão sido destruídos pelo tempo e pelos maus tratos, outros pelo desprezo e pela ingratidão que se seguiram à proclamação da república”, e conclui “Felizmente já se vai compreendendo, no Brasil, o valor dessas lembranças. O MNBA, a ENBA, o MHN, o Museu



INTEGRACION,  
EXTENSION,  
DOCENCIA  
E INVESTIGACION  
PARA LA  
INCLUSION  
Y COHESION  
SOCIAL

22 AL 25  
NOVIEMBRE  
DE 2011  
SANTA FE  
ARGENTINA



Imperial de Petrópolis e outros pelos demais Estados vão conservando, com carinho, não só os retratos de D. Pedro II, mas muitas outras recordações de nosso recentíssimo passado”.

Galvão sempre foi determinado a preservar e divulgar a memória da Escola de Belas Artes, uma vontade de memória que se dava não só por perceber o valor histórico e artístico destas obras e sentir responsável pelo patrimônio nacional, mas também por que esta memória dizia respeito diretamente a ele como aluno e professor desta Escola.

### **- Finalizando**

Criado com a finalidade de preservar a memória do ensino artístico oficial e de fomentar o estudo e a pesquisa da História da Arte Brasileira. Ele vem responder à necessidade da criação de um espaço institucional de preservação do patrimônio e memória do ensino de arte, reunindo a produção da Academia Imperial de Belas Artes, da Escola Nacional de Belas Artes e parte da história recente da Escola de Belas Artes. Desde sua criação vários professores estiveram a frente da instituição e imprimiram diferentes estratégias na gestão do acervo inicialmente organizado, como Lygia Pape, Cybele Vidal, Paulo Venâncio e Sonia Gomes Lima. Esta última esteve a frente de um grande projeto de reforma museográfica que envolveu a mudança das instalações e o conceito expositivo, além da organização de parte do acervo documental / textual.

Em dezembro de 2008 o novo Museu foi inaugurado e desde então temos podido acompanhar cotidianamente a apropriação do público ao conjunto das obras expostas. Entendo a particularidade e dimensão de um processo de ensino que é dinamicamente atualizado.

O Museu D. João VI atende, em primeira instância, à Escola de Belas Artes, que possui atualmente 2.500 alunos, distribuídos em dez cursos de graduação e três de pós-graduação. Em segunda instância, atende a toda a população da UFRJ, localizando-se em situação de destaque no próprio Prédio da Reitoria e sempre incluído no roteiro de personalidades em visita à Universidade. Em terceira instância, pela importância de seu acervo – referência obrigatória para pesquisadores da arte brasileira dos séculos XIX e boa parte do XX -, o Museu atinge todo o Brasil e mesmo o exterior, através da pesquisa *in loco*, do banco de dados e das publicações; além disso, o Museu tem emprestado peças do seu



INTEGRACION,  
EXTENSION,  
DOCENCIA  
E INVESTIGACION  
PARA LA  
INCLUSION  
Y COHESION  
SOCIAL

22 AL 25  
NOVIEMBRE  
DE 2011  
SANTA FE  
ARGENTINA



acervo a várias exposições de importância nacional, como a *Mostra dos 500 Anos*, assim como atende regularmente às solicitações de fotografia do seu acervo para fins editoriais.

Como museu universitário, atende a estudiosos de todo Brasil e mesmo do exterior – uma vez que seu acervo é importante para a compreensão da arte brasileira dos séculos XIX e XX. Além disso, tem servido de base para uma das principais linhas de investigação da Pós-graduação, com uma produção significativa de dissertações, teses e publicações sobre a história da instituição e a questão do ensino artístico.

Assim, o acervo do Museu D. João VI serve às aulas de desenho e história da arte, é usado como laboratório nas disciplinas ligadas à restauração e contribui na formação dos alunos dos oito cursos de graduação da EBA, pois para todos os profissionais no campo da visualidade, é importante a compreensão tanto da tradição quanto da contemporaneidade.

Os museus assumiram o papel de educadores públicos e árbitros do gosto e do conhecimento. Neles a diversidade conceitual transparece, assim como a das formas. Constituem-se, por isso, em lugar privilegiado para a alfabetização visual e são também espaços totalizadores, onde vários discursos podem ser construídos a partir do que se guarda ou do que se expõe. Eles são vistos como instituições que guardam, conservam, protegem e expõem ao olhar aquilo que deve ser lembrado, num processo em que memória e esquecimento são vértices de uma mesma construção.

### **Referencia Bibliografica**

BOURDIEU, Pierre. "Campo intelectual e projeto criador" In: Jean Pouillon, ed. Problemas do estruturalismo. 1968

-. "Gostos de classe e estilos de vida". In Ortiz, Renato (org.) Pierre Bourdieu: Sociologia. São Paulo, Ática. 1983

CLIFFORD, James. "Colecionando arte e cultura" In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n.23,1994. Pp.69-79

FRANCASTEL, Pierre. "Esthétiques et ethnologie" In: Jean Poirier, org. Ethnologie générale. 1968.

HOBBSAWM, Eric e RANGER, Terence. Org. A Invenção das Tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1984.



PESSANHA, José Américo da Motta. "O sentido dos museus na cultura". In: O museu em perspectiva. Rio de Janeiro, Funarte, CFCP, (Encontros e Estudos, 2). 1996.

PEREIRA, Sonia Gomes. O projeto de revitalização do Museu D. João VI da EBA/UFRJ, a reinterpretação do acervo do Museu e sua nova curadoria. Arte&Ensaio (UFRJ), v.17, p.54-63, 2008